



CATEQUESE NUM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO

Desafios do contexto sócio-cultural, religioso e eclesial para a iniciação cristã.

Pe. Joel Portella Amado

A experiência nos ensina que o anúncio do Evangelho exige fidelidade, pelo menos a dois aspectos. Primeiro, ao conteúdo que é anunciado. Segundo, ao caminho pelo qual se faz este mesmo anúncio. O conteúdo, nos sabemos, é Jesus Cristo, morto e ressuscitado para a nossa salvação (cf. At 2,36). O caminho é uma consequência do conteúdo. Se Jesus Cristo é o Verbo de Deus feito carne, feito humano em tudo, exceto no pecado, o caminho para o anúncio deste mesmo Jesus Cristo só pode ser a encarnação, o mergulho, na vida de pessoas, grupos e povos. A Igreja sempre anunciará Jesus Cristo, mas, por fidelidade a esse mesmo Jesus Cristo, deverá fazê-lo em consonância com as alegrias e as dores de quem ouve o anúncio. Sem estes dois aspectos, a fidelidade torna-se comprometida. Podemos estar transmitindo um conteúdo doutrinariamente correto, mas falho enquanto ação evangelizadora, anúncio que até poderá chegar à mente, não, porém, ao coração e à vida dos destinatários. Daí a importância em se conhecer o jeito como os(as) destinatários(as) de nossa ação catequética compreendem a vida, lidam com ela e reagem diante dos desafios. Em nossos dias, este compreender, além de ser importante, adquire caráter de urgência, pois as mudanças que todos experimentamos chegam com intensidade e rapidez. Esta é a razão pela qual dedicamos uma parte da primeira manhã da 3ª Semana Brasileira de Catequese à compreensão dos desafios que nosso tempo apresenta à vida em geral, à catequese e, de modo particular, à iniciação cristã.

Um mundo em mudança

Se buscarmos uma característica para o mundo de hoje, encontraremos palavras como confusão, perplexidade, impacto, transformação e incerteza, entre outras. Os especialistas no assunto usarão termos ainda mais complicados: pós-modernidade, modernidade tardia ou quebra de paradigmas etc. Não entraremos nos detalhes que levam os estudiosos a escolher um ou outro termo. Seguindo as conclusões da Conferência de Aparecida e as atuais Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil 2008-2010, ficaremos com a expressão *mudança de época*. Repetindo o nº 51 das Diretrizes, podemos afirmar que não estamos vivendo apenas uma época de mudanças, mas rigorosamente uma mudança de época. O que, à primeira vista, pode parecer somente um jogo de palavras, pura retórica para dizer a mesma coisa, na verdade, revela a radicalidade das mudanças que, em poucas décadas, o mundo vem experimentando, ainda que em graus distintos de afetação.

As épocas de mudança referem-se à transformação que acontece em determinados aspectos da vida, aspectos que, em termos quantitativos, até podem ser muitos, e, em termos de importância para a vida, significativos. Permanecem, contudo, inalterados os critérios de

juízo, os valores mais profundos. Já as mudanças de época trazem não apenas elementos novos para a vida, como também atingem os critérios de juízo. Utilizando um exemplo bastante conhecido nosso, a saber, o método ver-juizar-agir, as épocas de mudança atingem mais o ver, pois se referem ao que está diante de nós. As mudanças de época atingem o juizar, pois se referem aos valores a partir dos quais a realidade, seja ela qual for, é assumida, avaliada e enfrentada. Toda a perplexidade que manifestamos diante das situações que hoje se apresentam a nós revela não apenas o desconhecimento das situações novas, mas também o fato de que não estamos mais seguros diante critérios para captar, compreender e juizar o que se apresenta diante de nós. Quando, pois, a escala de valores se altera, estamos numa mudança de época. Suas conseqüências são amplas e atingem a totalidade da vida.

Conseqüências da Mudança de Época

Entre as conseqüências, destacam-se novas relações com o espaço e o tempo, novas formas de relacionamento humano e convívio interpessoal, novo jeito de compreender o ser humano e os projetos de sociedade etc. Em termos de espaço e tempo, é só pensarmos no que a internet possibilita. Não precisamos ser amigos de quem é nosso vizinho de porta. Podemos estabelecer vínculos com alguém que reside, por exemplo, na Austrália, pois, em tempos de globalização e informatização, as noções de longe e perto se alteram. A vizinhança existencial se descolou da vizinhança geográfica. Quanto à compreensão do tempo, ultrapassamos até mesmo os limites entre noite e dia. Posso falar com meu amigo da Austrália, sendo aqui onze horas da manhã e, na Austrália, meia-noite.

Mudanças de época atuam, dito de modo bastante simples, como a redecoreação ou repaginação de um ambiente. A mobília recebe novos componentes que exigem a reorganização do local. Isto faz com que objetos antes centrais sejam colocados de lado e objetos até então em segundo plano sejam trazidos para o centro da cena. A atual mudança de época coloca alguns aspectos em baixa e outros em alta. Aspectos que, até poucas décadas atrás, eram considerados importantes, hoje são vistos como relativos e até mesmo descartáveis. Ao contrário, aspectos que não recebiam grande importância são, atualmente, neste alvorecer de uma nova época, elevados aos primeiros lugares na hierarquia dos valores.

Em baixa podemos indicar a *instituição*. Não esta ou aquela instituição em particular, mas a própria categoria instituição. Tudo que é institucional tende a ser visto com reserva. É por isso que as grandes instituições produtoras e garantidoras do sentido apresentam-se em crise. Entre as principais instituições, encontram-se a família, o estado e a escola. Em contrapartida, encontra-se em alta o *indivíduo*, visto e assumido como o centro do mundo, senhor praticamente absoluto de suas escolhas, de suas opções.

Esta recomposição no peso entre o institucional e o individual se manifesta de diversos modos. Um dos que mais diretamente afetam à catequese e provocam a centralidade da iniciação cristã diz respeito ao modo como estamos acostumados a lidar com as atitudes, os comportamentos e a moral. O que acontece quando falamos, por exemplo, de ética sexual dizendo que a Igreja orienta deste ou daquele modo? Como as pessoas reagem quando falamos sobre relações pré-matrimoniais, justificando nossa fala a partir de documentos do magistério? Não somos confrontados com expressões do tipo “quem é o Papa para saber sobre a minha vida?” ou então “a Igreja está desatualizada”, ou então, “quem escolhe minha vida sou eu”?

Em baixa, encontra-se também a *tradição*, entendida aqui no sentido de transmissão de valores, sentidos e referências de uma geração para outra. Em alta, encontram-se a *novidade*, a diferença e a mudança de rumos. Um dos exemplos mais interessantes é o que diz respeito à tradição religiosa familiar. Em outras épocas, ser filho(a) de uma família católica significaria ser católico(a). Neste alvorecer de uma nova época, ser filho(a) de uma família

tradicionalmente católica pode significar qualquer coisa, inclusive ser católico. A nova época que vemos surgir traz consigo a inversão da tendência. Enquanto, antes, a tendência era a de permanecer no caminho do grupo, da família, hoje, a tendência é a oposta, ou seja, exatamente a de não manter a tendência da família, pois, em alta, se encontram a novidade, a diferença e a *escolha*.

Em baixa, o *sonho* e a *utopia*. Em alta, a *palpabilidade*, o almejar o que está ao alcance das mãos. Nada de coisa muito distante como vida eterna ou sociedade mais justa e fraterna para as próximas gerações. Portanto, em baixa, a *renúncia* e o *sacrifício*. Em alta, a *fruição*, o *gozo*, o prazer imediato.

Em baixa, o *eterno*, o *perene*, o *definitivo*. Em alta, o momentâneo, o *transitório*, o eterno enquanto dure. Tudo muda, tudo passa, nada é visto como sendo para sempre. Em baixa, o *estático*, o *fixo*. Em alta, o *movimento*, a *mobilidade*, a *transformação*.

Em baixa, a *ética*. Em alta, a *estética*. Em baixa, a *racionalidade*. Em alta, a *emotividade*. Já não contam tantos os motivos e os caminhos, mas sim o resultado. Não se trata mais de questionar tanto os meios para se chegar a um resultado. Predomina a alegria do resultado, a emoção experimentada, mesmo que a preços altos em termos de racionalidade.

Evidentemente, a descrição aqui apresentada é feita, por motivos pedagógicos, com palavras fortes, podendo dar a entender que a realidade só tem o preto e o branco. Na verdade, o cotidiano é muito mais cinza do que esta descrição pode indicar. No dia-a-dia, as coisas acontecem misturadas e o discernimento nem sempre é fácil, ainda mais porque fazemos parte desta realidade.

Importa destacar que não se trata de rejeição de um dos pólos, mas de supervalorização de um e redução na importância do outro. Nosso tempo não deixou, por exemplo, de valorizar as instituições. Tem muita gente se empenhando seriamente em favor da família, de uma educação mais humana e em vista da solidariedade e da fraternidade. Novas formas de sociabilidade, de agrupamento em torno de causas estão presentes em nosso mundo. Por outro lado, novidade, emotividade, prazer e todos os outros elementos trazidos à tona neste repaginar dos critérios são elementos humanamente positivos. Não se está aqui emitindo um juízo de valores sobre um período ou outro. Ninguém pode afirmar que, em termos de evangelização, uma época é melhor que a outra. Elas são diferentes, exigindo de nós assumir a mudança, reconhecer que estamos num ambiente distinto daquele ao qual estávamos acostumados. É como estar na mesma sala, porém, tão reorganizada, com a mobília colocada de um jeito tão distinto, que, de algum modo, acabamos nos sentindo numa sala diferente. Isto é mudança de época.

A época que surge e seus perigos para nós

Para nós, que estamos vivendo esta mudança de época, a questão se torna mais aguda em virtude da rapidez com que ela vem acontecendo. Na história da humanidade, já ocorreram algumas mudanças de época. Basta lembrar o que aprendemos como idade antiga, idade média etc. A diferença é que cada uma destas épocas ou idades demoraram mais no processo de transformação. A época atual surge de modo acelerado, fazendo com que a mesma geração sinta a mudança na pele, algumas vezes de modo bastante agudo. Neste caso, os perigos são dois. Atingem todas as dimensões da vida e, por consequência, também a catequese.

O primeiro perigo é o não reconhecimento da mudança de época. É achar que este novo jeito de lidar com a vida é questão de mau comportamento ou ignorância religiosa. É dizer que as coisas sempre funcionaram do jeito que conhecemos e, portanto, o caminho, no caso, da evangelização consiste em continuar fazendo o que sempre foi feito, do modo como

sempre foi feito. Este é o perigo de quem não consegue ou não quer enxergar a mudança. O segundo perigo consiste em mergulhar de tal modo na nova realidade que já não se consiga fazer o discernimento entre o que é evangélico e o que não é. Este perigo consiste na total identificação com as expectativas da época que está surgindo, de modo que a ação evangelizadora acabe perdendo sua capacidade de interpelação, de questionamento, de profetismo e dimensão escatológica. O segredo, conseqüentemente, é o discernimento.

Um novo jeito de crer e de lidar com a religião

Para ajudar no discernimento, dois pontos são imprescindíveis. Dizem respeito 1) ao novo jeito de se lidar com a religião em geral e 2) à transmissão da Fé. Duas imagens têm sido usadas para explicar o novo jeito de lidar com a religião ¹. São as imagens do *fiel* e do *pirata*. Sabemos que palavras são sempre perigosas e que podem ser compreendidas em vários sentidos. Por isso, nunca é demais ressaltar que tanto o termo *fiel* quanto o termo *pirata* adquirem aqui um sentido próprio, distinto do que podemos ter quando utilizamos estas duas palavras. Além disso, convém ressaltar que não existe juízo de valor sobre uma e outra imagens. São apenas imagens para ajudar na descrição. Não se pode entender que a palavra *fiel* indique positividade e a palavra *pirata*, negatividade. Elas são descritivas de uma realidade em mutação. Nada mais. As conseqüências vêm depois.

De modo muito simples, o *fiel* é aquele para o qual a vida religiosa se rege por práticas fixas, estáveis, repetitivas, costumeiras, voltadas para o sonho maior (vida eterna), normatizadas pela instituição e obrigatórias. O *fiel* tende a aceitar, a acolher, a se submeter. Já o *pirata*, como a própria imagem diz, não pára no porto. Para ele, o importante é navegar e, navegando, pilhar aqui e acolá o que bem lhe interessar, pois ele e seus interesses são o critério maior de conduta. O pirata não gosta do porto. Ele só vai ao porto quando precisa. Logo sente nostalgia do mar. Se, no mar, ele vê outro navio, pensa logo no que pode aproveitar. A bandeira do navio do *pirata* não pertence a país algum, ou seja, não se submete a uma instituição. É, ao contrário, a bandeira da advertência: ele vem para pegar o que lhe convier. Não ficará. Não se tornará um cidadão de nossa terra. Não largará o navio para morar no porto.

Enquanto o *fiel* valoriza bastante o pertencer, o *pirata* valoriza mais o não pertencer. O *fiel* se alegra com a possibilidade de ter uma instituição sólida a lhe garantir, diante da complexidade da vida. O *pirata* quer exatamente não se comprometer. Esta virada na compreensão da vida em geral e da relação com a dimensão religiosa é tão forte que começa a surgir com força censitária, ou seja, em quantidade relevante nas pesquisas, a categoria dos *sem-religião*. Estes são a concretização do que estamos indicando através da metáfora do *pirata*. Para este, o problema não está em crer em Deus. Está muito mais no pertencer de modo estável, definitivo, fixo, a uma comunidade, a uma instituição. Estamos diante da ruptura entre a crença em Deus e o engajamento em uma comunidade, em uma instituição. É, no dizer dos estudiosos do tema, crer sem pertencer ².

Transmissão da Fé, Pastoral de Conservação e Recomeçar a partir de Jesus Cristo

Este novo jeito de se lidar com a religião manifesta-se articulado com novas exigências para a transmissão da Fé. A Conferência de Aparecida chama nossa atenção para as dificuldades relativas à transmissão dos valores em geral (DA 39). Podemos compreender que esta dificuldade abrange também a transmissão da Fé. É exatamente em virtude desta dificuldade que Aparecida nos convoca a um salto significativo em nossa ação

¹ Cf.: HERVIEU-LÉGER, *Lê pèlerin et le converti. La religion en mouvement*. Paris, Flammarion, 1999, p. 53-60.

² DAVIE, G., *Religion in Britain since 1945*, Oxford, Blackwell, 1994, p. 93-116; TAYLOR, C., *A secular age*, Cambridge/Massachusetts/London, 2007, 505-535

evangelizadora. Trata-se do número 370 das Conclusões, onde somos impelidos a ultrapassar os limites de uma “*pastoral de conservação* para uma pastoral decididamente missionária”. Importa discernir e aprofundar o que significa uma *pastoral de conservação*.

Em geral, definimos *pastoral de conservação*, ou de *manutenção*, como fazer as mesmas coisas de sempre, com as mesmas pessoas e do mesmo jeito. Este uso não está totalmente errado. Ele corre, entretanto, o perigo de não revelar a totalidade e, mais ainda, a gravidade do que Aparecida indica. Precisamos responder à seguinte questão: conservar o quê? Trata-se, na verdade, da *conservação da Fé*. De acordo com um determinado jeito de concretizar a ação evangelizadora, jeito mais adequado ao fiel que ao pirata, supõe-se que as pessoas tenham recebido o primeiro contato com Jesus Cristo na sociedade, na cultural e na família, chegando à catequese para a complementação e a formação doutrinária. Por resquício histórico de um tempo em que a cultura se dizia cristã, acredita-se que a Fé continue a ser transmitida pelos caminhos de antes. Ora, a lembrar tudo a que já conversamos aqui, os referidos caminhos são exatamente aqueles que indicamos como estando em baixa.

Vai longe o tempo da chamada sociedade ou cultura cristã. Não vivemos mais no que os estudiosos chamam de *crístandade*, identificação entre a religião e a cultura, a mentalidade predominante. A mudança de época traz para o centro da cena a figura da secularização, através da qual a dimensão religiosa se desligou das instituições, da tradição e das normas objetivas. Assim como outras instâncias da vida, também a dimensão religiosa se individualizou. Cada um tem a religião que deseja, do jeito que deseja e no momento que deseja. Um exemplo nos ajuda bastante a compreender esta mudança. Em geral dizemos que os pais são os primeiros educadores na Fé. Este fato é teologicamente corretíssimo. No entanto, cresce o número de jovens e adultos que chegam às nossas comunidades sem o Batismo e sem ter ouvido palavra alguma sobre Jesus Cristo e o Reino de Deus. Cresce o número de casais que optam por não batizar os filhos nem lhes apresentar religião alguma, para que, exercendo a liberdade individual, possam escolher a religião que quiserem quando se tornarem adultos. Na verdade, esses pais já estão transmitindo para seus filhos a opção dos sem-religião. Podem até crer em Deus e achar Jesus Cristo simpático. Não querem, todavia, se submeter a uma comunidade, a uma instituição, a uma tradição. Não são poucos os casos em que as próprias famílias vão se desfazendo e o vínculo familiar deixa até mesmo de, na prática, existir. Como, pois, transmitir valores familiares e, mais ainda, a Fé?

Desaparece, deste modo, o chamado *catecumenato sociocultural*, onde dois movimentos se entrelaçam. O primeiro movimento é a iniciação à cultura. É o aprendizado dos valores que a família e o grupo consideram importantes transmitir para a criança e que tecnicamente podemos chamar de endoculturação. O segundo movimento diz respeito à específica iniciação na Fé. Nos ambientes de religião única ou, pelo menos, hegemônica, iniciar-se nos valores da cultura corresponde também a ser iniciado(a) nos valores da Fé. Endoculturação e evangelização de algum modo se entrelaçam. Nestes ambientes, a ação pastoral consiste muito mais em *conservar*, em *manter* a fé que já existe. Por isso, o peso maior cai sobre a moral e os sacramentos. É claro que tais ambientes são abandonaram o primeiro anúncio e a adesão a Jesus Cristo. Estes, são dados como tendo ocorrido na sociedade em geral e, especialmente, na família.

Ora, a atual mudança de época rompeu exatamente tanto com o entrelaçamento entre a iniciação sociocultural e a iniciação cristã, quanto com a suposição de que a fé é transmitida pela inserção na cultura. Ingressar na cultura atual, globalizada, individualizada, consumista em praticamente todas as dimensões (DA 46, 47, 315) não significa, portanto, ser apresentado à pessoa e à mensagem de Jesus Cristo. É por isso que Aparecida, afirmando que “não podemos dar nada por pressuposto” (DA 549), convoca a Igreja do continente a “recomeçar a partir de Jesus Cristo (DA 12, 41). A postura missionária, tão destacada em Aparecida, não implica guerra santa, nem caça desesperada aos católicos. Implica várias atitudes, entre as quais, no âmbito do tema da 3ª Semana Brasileira de Catequese, anunciar e reanunciar Jesus

Cristo, tantas vezes quantas forem necessárias (DA 288). Implica explicitar o que, até então, era subentendido. Aparecida fala sobre isto do seguinte modo: “ou educamos na fé, colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-as para seu seguimento, ou não cumprimos nossa missão evangelizadora” (DA 287).

Qual o caminho da iniciação cristã?

Não se trata agora de indicar os caminhos para a iniciação cristã. Neste primeiro momento, importa muito mais perceber, na linguagem de Aparecida, “a urgência de (se) desenvolver ... um processo de iniciação na vida cristã que ... conduza a um encontro pessoal, cada vez maior, com Jesus Cristo” (DA 289). Os detalhes serão indicados pelos especialistas no assunto e, mais ainda, pelo caminhar criativo das comunidades. O importante é ter clareza de que os pressupostos aqui indicados como *em alta* sejam considerados nas opções pedagógicas para a iniciação cristã.

Nestas opções pedagógicas, dois aspectos devem ser ressaltados. Primeiro, o fato já destacado antes de que não se trata de uma questão de valores entre dois horizontes culturais. O antes não é melhor nem pior do que o hoje. Diante da Boa Nova do Reino de Deus, é diferente e, por isso, em nome de Jesus Cristo encarnado para a nossa salvação, precisamos assumir a mudança precisamos assumir este hoje. Em segundo lugar, precisamos recordar que os valores em alta não se encontram distantes do Evangelho.

- Quando pensamos em individualização, somos chamados a recordar que Jesus se dirigia a cada pessoa, interrompendo seu caminhar até mesmo quando uma mulher, sofredora há muitos anos, tocou na ponta de seu manto (Mc 5,25ss).
- Novidade? Existe maior que a Boa Nova do Reino de Deus, para a qual já não há mais judeu, nem grego, nem escravo, nem livre (Gl 3,28), mas onde Cristo é tudo em todos (1 Cr 15,28)?
- Escolha? Não seria este um bom momento para tirarmos conseqüências ainda maiores do “Vem e segue-me” (Mt 19,21)?
- Palpabilidade? Como deixar de pensar nos sinais do Reino, que, por exemplo, Jesus Cristo indica aos discípulos de João Batista? Ao ser indagado, Jesus não dá uma aula de doutrina teórica, ele apresenta os sinais (Mt 11,1-6).
- Transitoriedade? Somos ou não somos cidadãos da pátria celeste, transeuntes nesta terra? (Fp 3,20)
- Mobilidade? O Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça (Lc 9,58).
- Estética? Olhai as aves do céu e os lírios do campo, nem Salomão em toda a sua riqueza... (Mt 6,28). É a beleza do amor que se entrega, como o pastor que dá a vida pelas ovelhas (Jo 10,10).

Por fim, convém destacar que as mudanças de época são tempos profundamente libertadores. Libertam-nos de apegos que já não ajudam na vivência e na transmissão do Evangelho. Libertam o próprio Evangelho da poeira do tempo e de costumes que, algumas vezes, são colocados e mesmo sobrepostos à Boa Nova como se Boa Nova fossem. Aproveitemos, portanto, esta mudança de época e mergulhemos de cheio no explícito anúncio de Jesus Cristo. Por certo, não abandonaremos os demais aspectos, não deixaremos de lado as conseqüências ético-existenciais do discipulado. Estaremos, verdadeiramente, lançando os alicerces, firmando as bases, para que as conseqüências para a totalidade da vida sejam, então, tiradas.